

Índice

Os Portadores de Candeias	9
[“The Lantern-Bearers”, 1888]	
Nota sobre o Realismo	23
[“A Note on Realism”, 1883]	
Acerca de Certos Elementos Técnicos de Estilo na Literatura	31
[“On Some Technical Elements of Style in Literature”, 1885]	
Livros Que Me Influenciaram	51
[“Books Which Have Influenced Me”, 1887]	
O Meu Primeiro Livro — <i>A Ilha do Tesouro</i>	59
[“My First Book — Treasure Island”, 1894]	
Apologia dos Ociosos	69
[“An Apology for Idlers”, 1877]	
Os Romances de Victor Hugo	81
[“Victor Hugo’s Romances”, 1874]	
Conversa e Conversadores I	105
[“Talk and Talkers”, 1882]	
Conversa e Conversadores II	119
[“Talk and Talkers (A Sequel)”, 1882]	
Divagações sobre o Romanesco	131
[“A Gossip on Romance”, 1882]	
Um Capítulo sobre Sonhos	145
[“A Chapter on Dreams”, 1888]	

Os Portadores de Candeias

I

Estes rapazes congregavam-se todos os outonos numa certa aldeia de pescadores da costa leste, onde saboreavam em grandes doses a glória da existência. Dir-se-ia que o lugarejo fora criado de propósito para a diversão de jovens cavalheiros. Uma ou duas ruas de casas, a maioria vermelha, muitas com telhas de cerâmica; um punhado de belas árvores aglomeradas em volta do presbitério e do adro, fazendo da rua principal um beco sombrio; vários pequenos jardins com um invulgar esplendor de flores; redes a secar e mulheres de pescadores ralhando nos quintais; cheiro a peixe e um apazível odor a algas; lufadas de areia soprada contra as esquinas das ruas; lojas com bolas de golfe e rebuçados em garrafas; outra loja com *Pickwicks* baratos (esse extraordinário charuto) e o *London Journal*, que eu prezava pelas imagens chocantes, mais alguns romances, que eu prezava pelos títulos sugestivos. Eram estes, se a memória não me falha, os ingredientes do lugar. Há que imaginá-los alongados num promontório entre duas baías arenosas, esparsamente ladeado de vivendas — bastantes para albergar os rapazes e progenitores acessórios, mas não bastantes (ainda não) para desprestigiar a paisagem. Uma enseada nos rochedos à frente e, diante dela, uma fila de ilhéus cinzentos. À esquerda, charnecas sem fim e montí-

culos arenosos, terreno bravio de tocas, pulsando com coelhos saltitantes e gaivotas altaneiras. À direita, um espinhaço de escarpas até ao mar, rude penhasco atrás de rude penhasco; as ruínas de uma possante e antiga fortaleza à beira de um deles; angras nos entremeios — ora banhadas na quietude do sol, ora sibilantes de vento e rugindo no estouro das vagas; as cavernas e depressões abrigadas exalando o aroma de tomilho e abrótno, o ar à beira do penhasco vivificante e limpo, acre de maresia. E, diante de tudo, o penhasco a que se chamava Bass Rock, inclinado sobre o mar como um banhista hesitante, a espuma abraçando-o num anel branco, os gansos-patolas pairando em torno do cume, como um fumo denso e cintilante. Este seletto pedaço de costa era sagrado também para os vendedores de destroços de naufrágios; e o Bass Rock, nas visões da fantasia, ainda hasteava o estandarte do Rei James; e, nos sons da fantasia, ressoava ainda nas arcadas do castelo de Tantallon o ferro de ferraduras, ecoavam ainda chamamentos para aventuras impossíveis.

Não havia ali nada que turvasse os dias a um rapaz veraneante, a não ser a desmesura dos prazeres. Podíamos jogar golfe, se quiséssemos, mas eu tinha melhor ocupação. Podíamos derramar-nos pelo Passeio das Senhoras, um escuro vale de idosos, coberto de musgo pela humidade, verde como relva e polvilhado aqui e ali, à beira do riacho, por muros sem teto, domicílio frio de eremitas. Para se prepararem para a vida, e com o fito específico de adquirir a arte de fumar, era até comum os rapazes abrigarem-se nesse sítio; e podíamos vislumbrar um único charuto *Pickwick* repartido honradamente em postas com uma faca romba, polvilhando estes aprendizes pelo vale. Ou podíamos juntar-nos a uma das nossas excursões de pesca, em que nos empoleirávamos e aglomerávamos como os gansos-patolas, um bando de pescadores à linha, rapazes e raparigas lançando e puxando linhas por cima da cabeça do outro, para grande emaranhamento, perda de pequenos badejos e consequente estridente recriminação — estridente como os próprios gansos. Se a atividade fosse só isto, poderíamos ter-nos dedicado a ela com frequência; mas, embora

a pesca seja um belo passatempo, o badejo não é propriamente uma fina iguaria para a mesa, e era ponto de honra que cada rapaz comesse tudo o que apanhasse. Ou então, podíamos subir à serra, onde a mandíbula da baleia se erguia num marco contra o vento sibilante, e contemplar o rosto de vários condados, o fumo e os pináculos de várias vilas, as velas de navios distantes. Podíamos banhar-nos, ora nas gretas de bom tempo a que tristemente chamamos verão, ora numa rajada de vento, com a areia a açoitar a pele nua, a roupa voando na lonjura, fugida à pedra que a guardava, a espuma da grande rebentação derrubando-nos antes mesmo de nos molhar os joelhos. Ou podíamos explorar os rochedos nas marés, sobretudo na baixa-mar primaveril, quando as próprias raízes das colinas são por instantes desvendadas; seguindo o meu líder de um grupo para outro, tateando em emaranhados oleosos em busca dos destroços de um naufrágio, vadeando em poças de água em busca de criaturas marinhas abomináveis, sempre com um olho deitado atrás das costas, a vigiar a marcha da maré e a linha periclitante da nossa retirada. E então, podíamos fazer de Crusoe, uma expressão que abrange qualquer ato espontâneo de comer ao ar livre: escavando porventura um abrigo à margem da duna, ateando uma fogueira de plantas marinhas e assando nela maçãs — se eram de facto maçãs, pois suspeito por vezes que o merceeiro nos enganava com algum outro fruto local e inferior, capaz de se dissolver, na proximidade do fogo, em mera areia, fumo e iodo. Ou podíamos talvez, em excursão até Tantallon, alimentar-nos de sanduíches e de visões no pátio relevado, enquanto o vento zunia nos torreões erodidos; ou então, tropeçando pela costa fora, podíamos comer o fruto (o pior, só posso imaginar, de toda a cristandade) de uma aventureira cerejeira-brava que se enraizara debaixo de um penedo, onde se deixava agitar por calafrios de vento leste e pratear com polvilhos de sal após um vendaval, crescendo assim tão estranha no seu ermo entorno que provar o seu fruto era por si só uma aventura.

Algumas recordações tristes vêm misturadas com tantas outras alegres. Da mulher de um pescador, por exemplo, que cortou a

garganta em Canty Bay; ou de quando eu corri com as outras crianças até ao cimo da rua Quadrant e observei uma turba de gente silenciosa escoltando uma carroça, e na carroça, amarrada a uma cadeira, de garganta enfaixada e a faixa ensanguentada (horror!), essa mulher, que continuou desde então a atormentar os meus pensamentos e que até hoje (quando recorro a cena), faz esmorecer a luz do meu dia. Foi alojada na pequena e velha prisão na rua principal, mas se morreu aí ou não, eu, com um aviso de terror da pior das hipóteses, nunca inquiri. Estivera a beber; foi nada mais que uma torpe tragédia. E afigura-se-me estranho e cruel que, ao cabo de todos estes anos, a pobre e demente pecadora ainda esteja a ser vilipendiada na sua carruagem, no livro de esboços da minha memória. Tampouco esquecerei com facilidade uma certa casa na rua Quadrant em que morreu um visitante e uma velha sombria continuou habitando sozinha com o cadáver; nem que essa mulher concebeu um ódio contra mim e um dos meus primos e, na aterradora hora do crepúsculo, enquanto trepávamos os muros do jardim, abriu uma janela nessa casa de morte e praguejou contra nós numa voz aguda e linguagem suculenta. Foram dois gaiatos bem esvaídos os que fugiram pela rua abaixo ante esta experiência singular! Mas é com um sentimento mais dúbio, misto de medo e exultação, que recorro as espirais das tempestades equinociais; as borrascas tonitruantes, abatendo sobre nós rajadas de chuva; os barcos de velas enrizadas em retirada até à boca do porto, onde os esperavam perigos, pois era difícil entrar quando o vento trazia consigo o leste; as mulheres aglomeradas, xaias ao vento, no cais, de onde (se o destino lhes não estivesse de feição) talvez avistassem barco, marido e filhos — toda a sua riqueza e toda a sua família — tragados pelo mar diante dos seus olhos; e (coisa que vi uma única vez) um magote de vizinhos forçando uma dessas desgraçadas a voltar a casa, a mulher guinchando e debatendo-se no meio da turba, uma figura quase humana, trágica Ménade.

São estas as coisas que recorro com interesse, mas aquilo em que a memória mais se detém é algo que tenho ocultado este tem-

po todo. Trata-se de um desporto característico da aldeia e limitado a uma semana ou duas das nossas férias de dois meses nesse lugar. Talvez ainda floresça no sítio que o viu nascer, pois os rapazes e seus passatempos são dominados por forças periódicas inescrutáveis pelo homem, que levam os piões e os berlindes a reaparecerem na devida estação, regulares como o Sol e a Lua, ao passo que a inofensiva arte do jogo da bugalha assistiu à queda do Império Romano e à ascensão dos Estados Unidos. Talvez ainda floresça no lugar que o viu nascer, mas em mais lado nenhum, estou eu convencido, pois eu próprio tentei introduzi-lo em Tweedside e fui tristemente derrotado. O encanto do jogo é demasiado local, como um vinho nacional impossível de exportar.

E o seu modo ocioso era o seguinte:

Em finais de setembro, quando se aproximava o período escolar e as noites eram já negras, começávamos a esquivar-nos das nossas vivendas, cada um munido de uma candeia de lata. O hábito era tão conhecido que gerara uma rotina no comércio da Grã-Bretanha; e os merceiros, em boa hora, começavam a guardar as suas montras com o nosso tipo específico de luz. Usávamo-las afiveladas à cintura, presas a um cinto de críquete e cobrindo-as — tal era o preceito do jogo — com um sobretudo abotoado. Exalavam um cheiro fétido a lata estalada; nunca luziam como deviam e queimavam-nos invariavelmente os dedos. A sua utilidade era nula, o prazer que proporcionavam, imaginado. E, no entanto, um rapaz com uma candeia debaixo do sobretudo não queria mais nada. Os pescadores usavam candeias nos barcos, e suponho que tenha sido deles que tirámos a ideia; mas as suas candeias não eram como as nossas lanternas de lata, nem nós alguma vez fingíamos ser pescadores. A polícia carregava candeias nos cintos, e nós claramente copiámos esse hábito, mas também não fingíamos ser polícias. Sermos ladrões era, aliás, a ideia que talvez nos assaltasse o pensamento. Era certo que deitávamos o olho a eras passadas, em que as candeias eram mais comuns, e a certos livros de histórias, em que figuravam com grande destaque. Mas, no todo, o prazer da atividade era